

# VOGUE

Nº 377  
Janeiro  
R\$ 14,90

## Corpo fechado

Nova geração de profetores combate o envelhecimento e reduz celulite

Acerte o look fértil: cores cítricas, saídas vaporosas, make bronze e biquínis esportivos e com drapê vão dominar o verão

A carioca que "seca" o jet set: conheça a nutricionista de Mario Testino, Andrea Dellal e de nobres europeus

Fim do mundo: Antonia Pellegrino e João Paulo Cuenca imaginam como será o Rio pós-cataclismo

# ENTRE NA ONDA

ISSN 0149-5121



No espaço aberto de  
recepção, a mesa de  
cristal e o sofá de  
couro são peças  
destacadas. Ao fundo, o  
quadrado preto do  
muro de arte.



# Chez moi a Copacabaná

O francês Eric Delaunay trocou Paris e a vida de *stocks & bonds* por uma aposentadoria precoce num loft estilo nova-iorquino com terraço com ares de Santorini, bem em frente ao mar de Copacabana. É lá que recebe os amigos e vive agora o que é sonho de muitos. Por Paula Merlo Fotos Rômulo Fialdini





**COPACABANA NÃO É** um bairro tranquilo. Longe disso, talvez seja um dos mais caóticos do Rio. Mas foi ali, num prédio dos anos 40 na Avenida Atlântica com a Rua Joaquim Nabuco, bem no fimzinho da enseada onde Copacabana e Ipanema se encontram, que o francês Eric Delaruey construiu seu canto de paz e calma na cidade. Nascido e criado em Paris, radicado no Rio desde 2001, Eric passou por quatro continentes antes de aportar por aqui. *Golden boy* do mercado financeiro europeu, além de Paris morou no Japão (num apartamento que tinha o Morrie Fuji-Yama de fundo), Hong Kong, Austrália, Inglaterra e Cingapura. Escolheu terras tropicais para ficar bandeira depois de decidir que não queria mais a vida estressante e limitada dos *stock and bonds*. "O Brasil é um dos poucos países do mundo que refazem praia, sol e uma vida urbana razoavelmente agitada. Estava prestes a comprar uma villa no Marrocos, mas fiquei apreensivo por causa

da religião tão diferente. A adaptação poderia ser difícil, coisa que aqui foi rápida," conta Eric num português perfeito para quem teve menos de 20 aulas do idioma.

Quando contou que estava pensando em largar tudo e vir passar uma temporada no Brasil, o BNP Paribas, banco de investimentos francês onde trabalhava, sugeriu que ele continuasse negociando daqui. Mas Eric queria mesmo mudar de vida e declinou a oferta. A adaptação ao Rio foi feita num apartamento em Ipanema com vista para a praia e a Lagoa Rodrigo de Freitas. Mas não tinha o que Eric mais queria, um terraço com piscina. Antes de achar o loft dos sonhos, precisou visitar uma centena de apartamentos. Quando viu esse cobertura, foi amor à primeira vista, ainda que o lugar estivesse caindo aos pedaços — tanto que ele o batizou de "entulho da Atlântica".

"Os mil metros quadrados do duplex eram lúto puro. Os banheiros eram minúsculos, havia

muitas paredes que formavam labirintos, quebradas e sujas. Colocamos tudo, absolutamente tudo, abaixo. Foram retiradas 400 toneladas de entulho daqui de dentro em um ano e meio de obra", diz. Uma baita dor de cabeça. Mas não para Eric, que decidiu que quem ficaria com essa orelheira aguda seriam os arquitetos Hugo Schwartz e Alexandre Gedeon. Depois de tanto tempo juntos decidindo os mínimos detalhes, os três tornaram-se amigos. "Um estrangeiro no Rio é presa fácil para ser enrolado e enganado. Graças a Hugo e Alexandre não tive problema algum, eles foram um escudo para mim", diz. O francês acompanhou a obra do início ao fim, deixando os pepinos para a dupla de arquitetos. "Uma das melhores cenas durante o quebra-quebra foi ver Eric colocando a cadeira de praia no terraço, no meio dos pedes e de sacos de cimento, para pegar sol e visualizar o que estava sendo feito", lembra Hugo.

Hoje, no terraço, a estrela é a piscina com borda infinita, que parece uma continuação do mar calvinista do Forte de Copacabana, ali em frente. O segundo andar lembra uma casa grega — de tijolo branco e *claus*, chega a doer os olhos. A claridade é absoluta porque o que antes era parede virou um enorme janelão feito com portas de correr. Quando o dia está quente e ensolarado fica tudo aberto, como se o segundo andar tivesse uma lateral sem parede alguma. A vista dali é tão cariosa quanto a da frente: a comunidade do Posão-Posoistinho, que acaba de ser ocupada pela Polícia Militar e está pacificada. “Não me assusto e nem deixaria de comprar esse apartamento por causa da favela. Essa é a paisagem do Rio. Sob o mureto do Carragão para fazer bone. Mirinha mãe, que é pintora e a autora da maioria dos quadros daqui de casa, é apaixonada pela favela. Diz sempre que vai pintar uma tela dos barracos. Quem tem preconceito é o carioca. Para mim é um visual tão interessante quanto o mar”, diz Eric. Ainda no segundo andar do loft, a mesa de jantar de vidro é ponto de encontro dos amigos — um mix de franceses radicados no Rio e de cariocas que conheceu ao longo dos últimos oito anos — que vão à sua casa para um bom bate-papo regado a caipirinhas, *bien sûr*. Quando chegou por aqui, ele não conhecia quase ninguém: “Truquei umas listas de telefones de uma prima que tinha morado no Rio e fui ficando amigo dos amigos dela”. Eric faz a

Aqui, retrato de Eric na sala industrial. Se desliza a sala do andar superior, toda branca, com inspiração nas casas de Barcelona. Na página ao lado, corredor que leva à suíte das sete metros quadradas



linha “poucos e bons”, então não espere grandes festas nem casa lotada. Ele gosta de petis convívios, que em geral acabam no terraço. “A vista daqui de cima à noite é mais deslumbrante ainda”, explica.

O primeiro piso parece um bond-boutique: decoração minimal com o máximo de espaço. O ponto mais alto tem pé-direito de sete metros de altura, o resto da casa tem quatro. O piso de tábuas coradas combina perfeitamente com as paredes de concreto e com a escada de metal, que tem um quê industrial. Em uma das paredes, a peça que Eric mais tem apego: um grafite comprado do francês nascido no Marrocos Dimitri Ganelevich, que hoje

mora em pleno Pedrinhas, numa casa repleta de objetos e móveis interessantíssimos. A tal tela, com a inscrição “Posão”, é a última peça que ele salvaria de um incêndio. “Que minha mãe não leia isso!”, brinca. Marie Claire, a mãe, compartilha com o filho a paixão pelo Rio e vem à cidade duas vezes por ano.

Um longo corredor nos leva até quatro dos sete quartos da casa. Todos iguinhos, com cama flutuante (o termo chique para concreto armado) e banheiro amplo. A suíte principal fica do outro lado da sala, com vista para a praia e jacuzzi alta colada na janela. Mas o melhor quarto fica do lado de fora do loft, também no primeiro piso, à parte do





À esquerda, a vista  
para o pé-direito do  
sala master.  
Abaixo, piscina  
com laje de vidro  
e vista para o Pátio  
de Copacabana.  
No alto à direita,  
a sala principal,  
com guarda e  
"casca flutuante"  
feitas de concreto  
armado aparente



nesta casa. Para chegar até ele é preciso passar por um corredor externo. Pequeno, todo branco e com uma sacada de vidro, bastam alguns minutos ali dentro para esquecer que Copacabana está logo embaixo – a impressão é que você foi teletransportado para um navio ou para uma casa em Angra.

Perganto se tanto espaço para um homem solteiro não deixa a casa vazia: "Sem dúvida, mesmo eu sendo do tipo que gosta de tranquilidade e pouca movimentação". Quando se sente sozinho, é só ir até o Galiléu – e cruzar o Atlântico. "Em agosto passado tive essa sensação de achar o Rio monótono. Peguei um avião e passei três meses e meio em Paris com a família e amigos. Ai comecei a sentir saudades da Praia de Ipanema, da temperatura, da língua, de tudo. No dia em que cheguei, fui direto dar um mergulho. Passei horas dentro do mar olhando a cidade de longe. Foi como se estivesse sendo tudo pela primeira vez, me apaixonar pelo Rio novamente."

